

# AVALIAÇÃO DA PREVALÊNCIA DE ANSIEDADE E DEPRESSÃO EM PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DA UNIVERSIDADE EVANGÉLICA DE GOIÁS (CAMPUS CERES).

Fabiane Angelica de Souza<sup>1</sup>  
Mayse Cristine Gomes Tavares<sup>2</sup>  
Janca Gontijo Cavalcante Santana<sup>3</sup>  
Universidade Evangélica de Goiás – Câmpus Ceres<sup>123</sup>

## RESUMO

**Introdução:** O processo saúde-doença no trabalho está ligado às condições laborais e à forma como os indivíduos vivenciam seus contextos. Na docência, o estresse ocupacional tem aumentado, favorecendo transtornos como ansiedade e depressão. **Objetivo:** Investigar a prevalência de sintomas ansiosos e depressivos entre docentes da UniEvangélica – Campus Ceres e o uso de psicotrópicos em relação a variáveis sociodemográficas e profissionais. **Método:** Estudo transversal, descritivo, realizado entre setembro/2024 e agosto/2025, com docentes de cursos presenciais que responderam a questionário online contendo dados sociodemográficos, hábitos de vida e a Escala HADS. **Resultados:** Verificou-se maior prevalência de ansiedade provável (47,6%) em comparação à depressão, concentrada em improvável (52,4%) e possível (47,6%). Parte dos docentes relatou uso de psicotrópicos, inclusive sem prescrição, associado à carga horária e múltiplos vínculos. **Conclusão:** A saúde mental dos docentes mostrou-se fragilizada, sobretudo pela ansiedade, indicando a necessidade de políticas institucionais de valorização e promoção da saúde no meio acadêmico.

**Palavras-chave:** ansiedade; depressão; saúde ocupacional; professores universitários.

## INTRODUÇÃO

O processo saúde-doença relacionado ao trabalho está diretamente ligado às condições laborais, não podendo ser compreendido como resultado de um único fator ou da simples somatória de riscos existentes no ambiente ocupacional. Na realidade, tanto a saúde quanto a doença decorrem da forma como os trabalhadores vivenciam e interpretam seus contextos de vida e de trabalho (BRASIL, [s.d.]). Nesse cenário, o estresse ocupacional se destaca como um problema relevante, originado por múltiplas demandas e experiências laborais que podem repercutir tanto a curto quanto a longo prazo (HALAT et al., 2024).

Na literatura, destacam-se os estressores psicossociais, relacionados às demandas e características do ambiente de trabalho que afetam a saúde mental e física dos indivíduos. Esse estresse manifesta-se tanto de forma imediata, como tensão, quanto por repercussões duradouras no bem-estar (Ganster; Rosen, 2013).

A ansiedade é um fenômeno complexo do processo saúde-doença, caracterizado por sintomas como taquicardia, tremores, sudorese, alterações respiratórias e medo, frequentemente associados à antecipação de situações futuras. Embora natural diante de desafios, torna-se patológica quando recorrente, comprometendo a vida pessoal, social e profissional. Ansiedade e depressão estão entre os transtornos mentais mais comuns, afetando a qualidade de vida, e incluem condições como Transtorno de Pânico, TOC, Fobia Social e Transtorno de Ansiedade Generalizada, cuja etiologia envolve fatores genéticos e ambientais. Esses transtornos tendem a se intensificar em ambientes de estresse contínuo, como na docência, impactando o desempenho e bem-estar dos professores (Monteiro et al., 2023; Costa et al., 2019; Ministério da Saúde, 2022).

No que diz respeito ao exercício da docência, observa-se um número crescente de estudos que associam o adoecimento dos professores às condições laborais, especialmente diante das constantes mudanças e exigências que têm reconfigurado o papel do educador. Tais transformações tornam a categoria docente uma das mais vulneráveis ao desenvolvimento de transtornos psicoemocionais, como o estresse crônico, a síndrome de burnout e, com maior frequência, a depressão — esta última podendo culminar no abandono da profissão (SOARES; OLIVEIRA; BATISTA, 2017).

O estudo tem como objetivo investigar a prevalência de sintomas ansiosos e depressivos, o uso de medicamentos psicotrópicos (com e sem prescrição médica) e sua correlação com variáveis sociodemográficas, profissionais e fatores de risco associados ao desenvolvimento de transtornos mentais entre professores universitários da UniEvangélica – Campus Ceres.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Trata-se de um estudo transversal, descritivo e observacional, realizado entre setembro de 2024 e agosto de 2025, que analisou subgrupos de docentes segundo faixa etária, tempo de profissão, carga horária semanal e curso em que lecionam. A população-alvo foi composta por professores dos cursos presenciais de Farmácia, Enfermagem, Fisioterapia, Direito, Biomedicina, Administração, CST em Estética e Cosmética e Educação Física da UniEvangélica – Campus Ceres, que aceitaram participar voluntariamente mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A coleta de dados ocorreu por meio de questionário online, elaborado no Google Forms, com tempo médio de dez minutos, incluindo informações sociodemográficas, profissionais, familiares, comportamentais e a Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão (HADS), validada para o Brasil. Os convites foram enviados por e-mail institucional e grupos de WhatsApp, com divulgação prévia em redes sociais. A participação foi voluntária, anônima e não remunerada.

## **RESULTADOS**

A amostra foi composta por 21 professores universitários, da UniEvangélica – Campus Ceres, com predominância de atuação nos cursos da área da saúde, em especial Enfermagem (71,4%) e Fisioterapia (52,4%).

Observou-se maior concentração na faixa etária de 41 a 50 anos (38,1%), seguida de 31 a 40 anos (33,3%), com predominância do sexo feminino (61,9%). Quanto ao estado civil, (47,6%) eram casados, e em relação à filiação, (42,9%) não possuíam filhos. No aspecto religioso, prevaleceu o catolicismo (57,1%), e, quanto à moradia, o arranjo mais frequente foi com cônjuge e filhos (33,3%). A maioria residia em Ceres/Rialma (71,4%). Em termos socioeconômicos, 52,4% apresentaram renda familiar entre 5 e 10 salários mínimos. Quanto à atividade docente, 42,9% relataram carga horária semanal de 10 a 20 horas e 33,3% possuíam entre 1 e 5 anos de atuação. Sobre o exercício de outra atividade remunerada, 61,9% referiram possuir outra ocupação, e 38,1% trabalhavam em mais de uma instituição de ensino superior. No que tange à titulação, predominou a especialização (61,9%), seguida de mestrado (23,8%) e doutorado (9,5%).

No que se refere a hábitos de vida e saúde mental, (23,8%) dos docentes realizam terapia regularmente, enquanto (76,2%) não. A maioria relatou dormir entre 5 e 6 horas por dia (61,9%), seguida de 6 a 7 horas e 7 horas ou mais (19% cada). O uso de cigarro foi informado por 4,8%, e o uso de drogas ilícitas também por (4,8%). Quanto ao diagnóstico de transtorno psiquiátrico, (38,1%) apresentaram algum diagnóstico, sendo a ansiedade a mais prevalente (66,7% dos diagnosticados), seguida por TDAH, bipolaridade e outros (11,1% cada). No que se refere ao tratamento e uso de medicamentos, (60%) dos docentes não realizam tratamento, enquanto (26,7%) realizam psicoterapia combinada com psicofármacos e (13,3%) seguem outros tipos de tratamento. Quanto ao uso de medicamento prescrito de uso

contínuo, (19%) fazem uso, principalmente para ansiedade (55,6%), enquanto (81%) não utilizam medicamentos regularmente. Entre os fármacos relatados, destacam-se bupropiona, escitalopram e paroxetina, além de fitoterápicos. A prescrição foi realizada principalmente por psiquiatras (44,4%), sendo que (55,6%) mencionaram “outro” profissional como prescritor. Em relação ao uso de fármacos de ação central sem prescrição médica, (19%) relataram essa prática, obtendo a medicação em farmácias que não exigiam receita. Os motivos para o uso sem prescrição foram diversos, incluindo recreativo, tratar ansiedade e melhorar desempenho nos estudos (25% cada). Por fim, durante o uso de psicofármacos, (66,7%) dos docentes relataram alteração no rendimento profissional, enquanto (33,3%) não observaram mudanças.

A análise dos escores obtidos por meio da escala HADS evidenciou que, quanto à ansiedade, (23,8%) dos participantes foram classificados como improvável, (28,6%) como possível e (47,6%) como provável. Em relação à depressão, verificou-se que (52,4%) foram classificados como improvável, (47,6%) como possível e nenhum participante foi identificado na categoria provável. Tais resultados apontam uma tendência mais expressiva para a presença de sintomas ansiosos em nível considerado provável, ao passo que os sintomas depressivos se concentraram predominantemente nas categorias improvável e possível, sem ocorrência de casos classificados como prováveis (Tabela 1).

**Tabela 1.** Resultados questionário HADS - Ansiedade e depressão UniEvangélica de Goiás (Campus Ceres).

GRUPOS	Ansiedade						Depressão					
	Improvável		Possível		Provável		Improvável		Possível		Provável	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Pesquisa	5	23,8	6	28,6	10	47,6	11	52,4	10	47,6	0	0,0

Fonte: Dados obtidos por meio do questionário HADS

## CONCLUSÃO

Ao realizar a coleta de dados com professores universitários da Universidade Evangélica de Goiás – Campus Ceres, foi possível identificar um cenário em que a saúde mental desse público se apresenta fragilizada, especialmente em relação à ansiedade, que se mostrou mais prevalente. Tal condição pode estar associada a fatores estressores inerentes ao exercício da docência, como a sobrecarga de

trabalho, a exigência de múltiplas atividades em diferentes instituições, a necessidade constante de atualização profissional, bem como aspectos pessoais e sociais que se somam ao desgaste cotidiano. Diante desse contexto, torna-se imprescindível a realização de novos estudos sobre ansiedade e depressão no meio acadêmico, de modo a ampliar a compreensão sobre a dimensão desses agravos e contribuir para a desmistificação do diagnóstico e do tratamento. Além disso, ressalta-se a necessidade de que as instituições de ensino superior promovam políticas de valorização docente e estratégias voltadas ao cuidado integral da saúde, priorizando a prevenção, o acompanhamento psicológico e a promoção de qualidade de vida no ambiente de trabalho.

### AGRADECIMENTOS

Agradeço à UniEVANGÉLICA pela concessão da bolsa do Programa de Iniciação Científica (PBIC-UniEVANGÉLICA), Edital nº 27/2024, que viabilizou este projeto. Sou grata à minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Ianca Gontijo Cavalcante Santana, pela dedicação e contribuições em todas as etapas do trabalho.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde do trabalhador. Brasília, DF: Ministério da Saúde, [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/saude-do-trabalhador>. Acesso em: 19 ago. 2025.

COSTA, Camilla Oleiro Da. et al. Prevalência de ansiedade e fatores associados em adultos. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 68, n. 2, p. 92–100, abr. 2019.

GANSTER, Daniel C.; ROSEN, Christopher C. Work stress and employee health: a multidisciplinary review. **Journal of Management**, v. 39, n. 5, p. 1085-1122, 2013.

HALAT, Dalal Hammoudi.; ABDEL-RAHMAN, Manar E.; AL-JAYYOUSI, Ghadir Fakhri; et al. Associations between perceived occupational stressors and symptoms severity of depression, anxiety and stress among academic faculty: first cross-sectional study from Qatar. **BMC Psychology**, [S.l.], v. 12, p. 302, 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Transtornos de ansiedade podem estar relacionados a fatores genéticos. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 22 set. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/transtornos-de-ansiedade-podem-estar-relacionados-a-fatores-geneticos>. Acesso em: 19 ago. 2025.

MONTEIRO, Mirella Maria Moreira Silva; et al. Níveis de ansiedade e depressão: A prática docente e o adoecimento psíquico. RECIMA21 - **Revista Científica Multidisciplinar** - ISSN 2675-6218, [S. l.], v. 4, n. 2, p. e422744, 2023.

SOARES, Michelle Marcilio; OLIVEIRA, Talisson Gabriel Duarte De; BATISTA, Eraldo Carlos. O uso de antidepressivos por professores: uma revisão bibliográfica. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco (REVASF)**, Petrolina-PE, v. 7, n. 12, p. 100-117, abr. 2017.